

A RELEITURA PARÓDICA DO POEMA O CORVO DE EDGAR ALLAN POE EM OS SIMPSONS

Prof.^a Dr.^a Silvia Maria Guerra Anastácio¹ (UFBA)

Mestrando Olívia Ribas de Farias² (UFBA)

Resumo:

Este artigo se propõe a refletir sobre conceitos relacionados à intertextualidade e paródia, mostrando que o processo de recriação pode permear várias linguagens. O trabalho tem como objetivo analisar a recriação do poema O Corvo do escritor americano Edgar Allan Poe (1809-1849) para o episódio No dia das Bruxas I (1990) da série de animação Os Simpsons e como a televisão dá acesso a obras canônicas, de uma maneira divertida, cômica e irreverente.

Palavras-chave: Paródia, O Corvo e Os Simpsons.

Abstract:

This essay reflects on concepts related to intertextuality and parody, proposing that the process of recreation can permeate several languages. The present work intends to analyze the recreation of the poem the Raven by the American writer Edgar Allan Poe (1809-1849) to the episode Treehouse of House I (1990) from The Simpsons Series. It is relevant to observe how the television medium can give access to canonical works in a funny, comical and irreverent.

Key Words: Parody, The Raven and The Simpsons.

1. Paródia: Um canto paralelo

*A paródia é, neste século, um dos modos maiores
da construção formal e temática de textos. E, para além
disto, tem uma função hermenêutica com implicações
simultaneamente culturais e ideológicas.*

Linda Hutcheon

A série de animação *Os Simpsons* tem realizado constantemente releituras de obras literárias conhecidas pelo público com o intuito de parodiá-las. Um dos primeiros textos literários parodiado por essa animação foi o poema *O Corvo* (1845) do escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849), presente no terceiro episódio da segunda temporada de *Os Simpsons* denominado *No Dia das Bruxas* (1990). O episódio apresenta uma trilogia de histórias assustadoras, a saber, *Casa dos pesadelos*, *Maldição dos famintos* e *O Corvo* para comemorar a festa de *Halloween*, que pertence à tradição da cultura anglo-saxônica, sendo conhecido no Brasil como “O Dia das Bruxas”.

Contudo, a paródia não é um fenômeno novo utilizado nos processos de recriação de um texto, pois como afirma Affonso Romano de Sant’ana (1937) em seu livro *Paródia, Paráfrase & Cia* (2004), os textos paródicos provavelmente surgiram entre os séculos VII e IV a.C. Aristóteles em sua obra *Poética* já utilizava a paródia para analisar dois importantes gêneros literários gregos, as epopeias e as tragédias, além do teatro grego.

Para o filósofo francês Gérard Genette (1930) em seu livro *Palimpsestos* (1982), a paródia é uma palavra de origem grega, no qual o prefixo *para* significa aquilo que se desenvolve “contra” ou em “oposição” a algo e o sufixo *ode* significa “canto”, “canção”. Logo, a paródia seria um “canto-paralelo”, uma canção transposta ou ainda uma imitação cômica e ridicularizadora de um texto existente.

Porém, para a crítica literária Linda Hutcheon (1947), a palavra paródia, em si, é contraditória, pois a maioria dos críticos, assim como Genette utiliza o termo com o sentido de “contra-canto”. Mas para Hutcheon, o prefixo “para” pode ser interpretado por dois significados: pela idéia de oposição, significando “contra”, mas também pode dizer “ao longo de”, existindo, desta forma, uma sugestão de intimidade, em vez de contraste, o que “alarga o escopo pragmático da paródia de modo útil para as discussões das formas de arte modernas” (HUTCHEON, 1985, p. 48).

Em *Uma Teoria da Paródia* (1985), a autora Linda Hutcheon apresenta uma nova visão sobre a definição de paródia contrastando com a tradicional desse elemento literário, pois não defende a idéia de paródia como sendo um recurso estilístico que deforma ou destrói o texto-fonte. Trata-se de um recurso que recria um texto, propondo um outro texto a partir do primeiro e obedecendo a um processo de desconstrução. A respeito da reconstrução por meio dos recursos estilísticos encontrados na ironia e da inversão, lê-se que:

A paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença; é imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo. Versões irônicas de “transcontextualização” e inversão são os seus principais operadores formais, e o âmbito de *ethos* pragmático vai do ridículo desdenhoso à homenagem reverencial (HUTCHEON, 1985, p. 54).

Assim, a paródia mantém para Linda Hutcheon uma relação íntima entre o texto base e o parodiado, tornando vivas as obras do passado, já que ao serem parodiadas estão recebendo uma nova interpretação em um diferente contexto. Dessa forma, uma paródia também pode funcionar como um modo de homenagear um texto anterior, a exemplo do que acontece com a *Eneida*, já que representa uma “continuação” dos episódios da guerra de Tróia. Ainda em relação à definição desse gênero, a crítica literária canadense diz que:

Conquanto, precisemos expandir o conceito de paródia, de forma a incluir a largada <<refuncionalização>> (como lhe chamam os formalistas russos) que é característico da arte do nosso tempo, precisamos também de restringir o seu alcance, no sentido em que texto <<alvo>> da paródia é sempre outra obra de arte ou, de forma mais geral, outra forma de discurso codificado (HUTCHEON, 1985, p. 28).

Diante disso, a paródia não deve corresponder somente à imitação ridicularizadora ou cômica de um texto. A paródia transforma, mas não precisa ridicularizar o seu alvo ou mimetizá-lo, já que nada “existe na paródia que necessite da inclusão de um conceito de ridículo, como existe, por exemplo, na piada ou na burla” (HUTCHEON, 1985, p. 48). A canadense afirma ainda que por vezes, são as convenções tanto como as obras individuais que vêm a ser parodiadas. Desconstrói-se para de novo construir e dar à tradição novas possibilidades de realização. Rompe-se então com a hierarquização e aproxima-se o texto pertencente a um contexto histórico anterior para outro mais contemporâneo.

Portanto, na modernidade, a paródia tornou-se a própria via predominante da criação artística. “A sua essência está na ‘auto-reflexividade’[...], é uma forma de discurso interartístico” (HUTCHEON, 1985, p. 13), buscando-se assim um distanciamento crítico e um diálogo independente com a obra de arte em relação a qualquer forma de expressão artística. Trata-se de um recurso de linguagem que se apropria do texto-fonte para reconfigurá-lo, permitindo-lhe novos olhares. Em razão disso, as paródias não devem ser vistas como um desvio profano da obra que lhe deu origem, mas sim como um simulacro. De acordo com a definição do filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1996) em seu texto *Platão e o Simulacro* (1982), o “simulacro não é uma cópia degradada, ele encerra uma potência positiva que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo como a reprodução” (DELEUZE, 1982, p.267). Logo, na visão de Deleuze, o simulacro possui voz, tem uma forma autônoma e também pode ser uma obra original por ser única, assim como acontece nas releituras paródicas.

Ademais, a paródia subverte o objetivo de descrever temas elevados e nobres. Esse gênero não está preso a nenhum tipo de convenção, sejam elas artísticas, sociais ou morais e não se preocupa com a questão da originalidade na recriação. Tal elemento mantém um dialogismo com o texto base, ou seja, constrói-se a partir da interação com outros discursos pré-existentes, como afirma Bakhtin (1895-1975) em seu livro *Questões de Literatura e de Estética* (2002), mas não se confunde com o texto parodiado, já que é resultado da repetição pela diferença.

Uma característica relevante da paródia seria a importância do leitor ou da audiência, pensando-se nas paródias que têm sido feitas para os meios audiovisuais, reconhecimento da inversão de significados no diálogo intertextual, pois se isso não acontece, o receptor apenas verá uma série de disparates na obra parodística. Através da paródia, a obra pode voltá-se para si mesma e mostrar algo além do que estava propagado, sugerindo uma nova e diferente maneira de ler o convencional. Por isso, a paródia pode ser entendida não apenas como uma imitação burlesca de um texto-fonte, mas como uma maneira de prestar uma homenagem a textos anteriores, construindo hipotextos (textos parodiados) de hipertextos (textos parodísticos), ao lhe emprestar outras funções e objetivos.

Sendo assim, para refletir sobre essas questões relacionadas à paródia, o presente trabalho traz como título de exemplificação a tradução do clássico da literatura norte-americana *O Corvo* (1845) do escritor Edgar Allan Poe para a animação de *Os Simpsons*, que serão discutidas no próximo item.

O Corvo* parodiado em *Os Simpsons

O episódio denominado *No dia das bruxas* (1990), dirigido por David Silverman (1957), foi escolhido como objeto de estudo porque estabelece um diálogo com o conhecido poema da literatura norte-americana *O Corvo* (1845) de Edgar Allan Poe. O poema nessa paródia áudio-visual ganhou uma nova interpretação signífica, em que indícios poéticos do texto de Poe, como as personagens e a história do poema, são atualizados para a cultura do pólo receptor do século XX.

Contudo, enquanto o tom do poema é de melancolia e tristeza, o da animação é marcado pela paródia e comicidade. Dentre os efeitos de humor do episódio, vê-se o patriarca da família *Simpsons*, Homer, aparecendo em dois níveis diferentes da narrativa: de um lado, quando a filha Lisa narra o poema de terror *O Corvo* para seus irmãos e morre de medo ao escutar aquela história; do outro, quando ilustra, através de sua interpretação como um homem solitário atormentado por um pássaro de mau agouro à semelhança do que ocorrera no texto literário, trechos do poema de Poe que vão sendo narrados em *voice over*. Além disso, o efeito irônico da paródia também é alcançado pela inversão, pois se vê um adulto ouvindo uma história contada por uma criança, e não ao contrário, como costuma ocorrer e é o adulto que fica apavorado quando ouve a história, não as crianças.

No início do episódio, Marge, a matriarca da família *Simpsons*, aparece em um palco de teatro, criticando a festa do *Halloween* e dando um alerta sobre o conteúdo da animação que será apresentado ao público, como se pode ler no seguinte trecho:

Marge: - Olá, todo mundo! Sabem o *Dia das bruxas* é um feriado muito estranho... Pessoalmente eu não o compreendo. Crianças adorando fantasmas, fingindo ser demônios e passam coisas na tv que são completamente desapropriadas para jovens [...]. Nada parece assustar meus filhos, mas o show dessa noite, do qual eu lavo as minhas mãos, é assustador de verdade. Por tanto, se tem filhinhos sensíveis, talvez devam metê-los na cama hoje cedo ao invés de nos escrever cartas iradas amanhã. Obrigada por sua atenção. (Trecho retirado do DVD da 2ª temporada de *Os Simpsons*)

Em seguida, são contadas as duas primeiras histórias do episódio especial de *Halloween*, que são: *Casa dos pesadelos* e *Maldição dos famintos*. A terceira e última história é a releitura do poema *O Corvo* (1845), que é narrado em cinco minutos e treze segundos no episódio. Das dezoito estrofes

presentes no poema de Poe, apenas dez foram transpostas para a animação, ou seja, da primeira a quarta, pulando-se a quinta; foram apresentadas também a sexta, a sétima e a oitava, terminando a animação com a narrativa da décima quarta, décima sétima e décima oitava estrofes.

A terceira história já inicia com o tom irônico de Bart sobre a importância do texto clássico de Poe na literatura, o que, ao mesmo tempo, funciona como um recurso utilizado pela animação para informar à audiência a origem do roteiro adaptado feito por Sam Simon (1955), como se lê no seguinte trecho:

Bart: - Tem alguma coisa assustadora acontecendo. Lisinha! Larga esse livro é Dia das Bruxas.

Lisa: - Para sua informação estou preste a ler para você um clássico do terror de Edgar Allan Poe.

Bart: - Espera aí, isso aí é um livro da escola, Lisa.

Lisa: - Não esquenta Bart. Você não vai aprender nada.

(Trecho retirado do DVD da 2ª temporada de Os Simpsons).

Depois disso, uma imagem trêmula aparece na tela com o título do poema *The Raven*, acompanhado de uma trilha sonora fúnebre para caracterizar a atmosfera de horror do texto de Poe. Esses signos sonoros atuam no nível icônico, que é a categoria semiótica das impressões, e mesclados a um outro tipo de signo, o simbólico, que aí entra através das palavras *The Raven*, reiteram nessa adaptação elementos do texto-fonte.

É, entretanto, na voz singela da menina Lisa que o primeiro verso do poema se instaura, *once upon a midnight dreary, while* [...] ³, ocorrendo uma sobreposição da voz dela com a do narrador, que nessa animação ficou por conta do dublador norte-americano James Earl Jones, o qual dá continuidade ao primeiro verso [...] *while I pondered, weak and weary* ⁴. Assim, a narração em *voice-over* acontece e vai sendo apresentada ao mesmo tempo, passo a passo, através da personagem que Homer interpreta em um *setting* bastante semelhante ao do poema. Há um quarto com o retrato de Lenora, janelas de vidro cobertas por cortinas de seda, uma lauda antiga, muitos livros na estante e uma porta sobre a qual se encontra um busto de Palas, deusa grega da sabedoria. É nesse cenário sombrio e funesto que as ações, os comportamentos, as falas, reações, os pensamentos e sentimentos de Homer são focalizados na adaptação.

Nesse episódio de *Os Simpsons*, o registro informal, que se reflete no tom coloquial do discurso, é bastante acentuado, principalmente por causa do uso da paródia que rompe com a atmosfera sombria do poema de Poe e sugere a irreverência dessa animação feita em homenagem ao *Halloween*. O procedimento paródico no episódio de *Os Simpsons* ocorre desde a primeira aparição da personagem de Homer cochilando na poltrona do quarto até a chegada do corvo pela janela. Marge aparece rapidamente na moldura de um retrato que mostra Lenora, a amada já falecida do homem solitário; logo, esse retrato também é um recurso paródico, pois aparece caracterizado no estilo de *Os Simpsons*, com um penteado exagerado e cheio de laços fita coloridos. A paródia dirigida à imagem de Lenora ainda se acentua quando Homer vai contemplá-la com uma voz patética, dizendo *Oh, Lenora* e o narrador continua o verso de Poe [...] *for the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore Nameless here for evermore* ⁵.

Durante toda a adaptação, Bart faz zombaria do poema, desacreditando que o texto de Poe possa causar medo a alguém. O narrador diz então a primeira estrofe de *O Corvo*, que segue abaixo:

over many a quaint and curious volume of forgotten lore-, while I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping, as of some one gently rapping, rapping at my chamber door, "t is some visitor", I muttered, "tapping at my chamber door-, only this and nothing more." ⁶

Ouvindo isso, Bart dirige-se a Lisa, em um tom irônico, perguntando-lhe se já estariam assustados, ao que Lisa responde que o narrador estaria criando a atmosfera. Em seguida, o narrador lê a terceira e a quarta estrofes do poema, mostrando simultaneamente as ações de Homer, com seu medo exacerbado, o que torna a cena cômica, já que a interpretação da personagem é exatamente o oposto do que o narrador está dizendo *presently my soul grew stronger; hesitating then longer*⁷.

Na apresentação do final da quarta estrofe, *and so faintly you came tapping, tapping at my chamber door, that I scarce was sure I heard you, “here I opened wide the door”*⁸, Bart ameaça dizendo: “Espero que seja das boas”, desejando que aconteça algo aterrorizante, porém o narrador o desaponta pronunciando o verso seguinte *darkness there, and nothing more*⁹. Bart, então pergunta para Lisa: “Sabe o que seria mais assustador que nada?” e Lisa responde: “O quê?”, Bart diz com uma voz de raiva: “Nada!”, demonstrando seu desapontamento em relação ao poema, pois este não consegue assustá-lo. Mas é no final da sétima estrofe que o mistério daqueles barulhos que a personagem de Homer ouve é revelado tanto no poema quanto na animação, como se lê a seguir:

*Open here I flung the shutter, when, with many a flirt and flutter,
In there stepped a stately Raven of the saintly days of yore;
Not the least obeisance made he; not a minute stopped or stayed he;
But, with mien of lord or lady, perched above my chamber door-
Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door-
Perched, and sat, and nothing more*¹⁰.

Então, nesse momento, o corvo, interpretado pelo filho travesso da família Bart, é apresentado ao público. Aliás, o corvo de Poe foi um dos elementos mais parodiados na animação, visto que é irreverente, maroto, ri de Homer, além de sua voz ser de uma criança de oito anos respondendo em tom cômico e zombador *nevermore* às perguntas de Homer. As palavras do inglês do século XIX são parodiadas através do uso de gírias e expressões coloquiais contemporâneas de Bart, como segue no exemplo:

Homer: – *Though thy crest be shorn and shaven thou, I said, art sure no craven
no craven, ghastly, grim, and ancient raven, wandering from the nightly shore.
Tell me what the lordly name is on the Night’s Plutonian shore*¹¹.

E o corvo diz na voz de Bart: *Eat my shorts!* (tradução no DVD: “Vai te catar”). Volta-se então para o primeiro plano da narrativa e Lisa diz: “Pára Bart! O corvo diz ‘Nunca mais’. E é só isso que ele diz” (tradução do DVD).

Após a retomada do segundo plano da narrativa, Homer recita a décima quarta e a décima sétima estrofes do poema de Poe, completamente enfurecido por causa da única palavra proferida pelo corvo como resposta às suas perguntas, ou seja, *nevermore* (nunca mais). Então, com o intuito de se acalmar ou para mandar a ave embora, repete por duas vezes e bem devagar o verso *take thy beak from out my heart, and take thy form from off my door*¹².

Porém, o corvo continua a dizer a palavra *nevermore* e, diante disso, Homer, muito aborrecido com a constante repetição que ouve, pula para cima da ave para expulsá-la dos seus umbrais. Mas a ave é mais esperta do que Homer, voando rapidamente e bastante alto pelo quarto, impossibilitando Homer de alcançá-la. E assim, o corvo volta a permanecer no busto de Palas, enquanto que Homer fica caído ao chão, com os olhos esbugalhados, olhando a ave que lhe dá uma risada irônica e atrevida. Esta cena parodia, finalmente, o último verso do poema *O Corvo*, que o narrador recita, ao mesmo tempo em que a câmera mostra todo o quarto da personagem de Homer, já completamente destruído, com vários livros ao chão, vasos quebrados e cortinas rasgadas, como se pode ver a seguir:

*And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming,
And the lamp-light o'er him streaming throws his shadow on the floor; And my
soul from out that shadow that lies floating on the floor
Shall be lifted-nevermore¹³!*

Ao final da animação, a narrativa volta para o primeiro plano, onde Bart comenta com a irmã:

Bart - *Lisa, não foi nada assustador.*

Nem mesmo para um poema.

Lisa – Bart, foi escrito em 1845.

As pessoas deviam ser mais assustadas naquele tempo.

Bart – É, como a primeira parte do filme “Sexta-Feira” 13. *É bem comportado pra gente.*

Através desse diálogo, o texto do século XIX do Poe e elementos da cultura contemporânea como o filme *Sexta-Feira 13* são colocados lado a lado. A paródia ainda é reiterada na última cena da animação, na qual Bart afirma que não terá problemas para dormir aquela noite, já que o poema não era assustador mesmo. Mas o engraçado é que seu pai, ao escutar a leitura de Lisa, treme de pavor do corvo.

No final do episódio, o tom cômico predomina pela situação ridícula, em que a percepção das crianças, e também de Marge, não coincide com o medo insuportável de Homer, amedrontado ao pensar no corvo noturno, da história de horror contada no dia de *Halloween*. A última cena mostra o corvo rindo de tudo isso e Homer completamente assustado, pedindo para Marge que hoje durma de luz acesa, como no trecho a seguir:

Homer - *Ah, não, Marge. Por favor. Deixa acesa.*

Marge - *Eu não vou dormir com a luz acesa.*

Marge - *São só histórias para crianças. Não vai lhe fazer mal nenhum.*

Homer - *Oh, Eu odeio Halloween!*

Portanto, a paródia de *Os Simpsons* é marcada pela dissimilitude em relação ao texto-fonte, considerando que a adaptação lhe propõe uma nova moldura fílmica. O texto de Poe, reconfigurado através do uso da paródia, gera novos significados, e a linguagem literária, reaproveitada pela animação, convida o público a desvendar novas possibilidades de interpretação desse clássico da literatura norte-americana.

Conclusão

No Dia das Bruxas (1990) é um episódio que traduz o poema *O Corvo* (1845) de Edgar Allan Poe (1809-1849) para um público contemporâneo do século XIX, ocorrendo uma duplicidade narrativa, pois no episódio de *Os Simpsons* encontra-se o texto parodiado e, ao mesmo tempo, um novo texto que se lhe sobrepõe. Assim como em todo o texto parodiado, a paródia realizada em *Os Simpsons* se caracteriza por ser uma releitura de ruptura com relação ao texto-fonte, por primar pela diferença, deslocando os elementos do poema de Edgar Allan Poe para um novo contexto e uma nova linguagem.

Essa adaptação da série não tem nenhuma intenção de inferiorizar, ridicularizar ou mimetizar o texto-fonte, já que não vale como um documento da obra adaptada, mas sim como um texto que possui seu próprio valor como uma recriação. O episódio em questão da série *Os Simpsons* funciona

como uma nova forma de ler o texto de Poe e de divulgar textos literários emolduradas no sistema midiático da animação para o grande público.

Referência Bibliográfica

- [1] BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad: Aurora F. Bernadini. São Paulo: Editora Unesp; Hucitec, 1993.
- [2] DELEUZE, Gilles. Platão e o simulacro. In: *Lógica do Sentido*. Tradução por Luiz Alberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1982. p. 259-271.
- [3] DERRIDA, J. A escritura e a diferença. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva. 1972.
- [4] HUTCHEON, Linda. *Uma Teoria da Paródia – ensinamentos das formas de arte do século XX*. Trad. Teresa Louro Pérez. Rio de Janeiro: edições 70, 1985.
- [5] POE, Edgar Allan. *The Gold-Bug and the other tales*. New York: Dover Publications, 1991.
- [6] SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo: Atica, 2004.
- [7] SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica aplicada*. S.Paulo: Pioneira Thomson learning, 2002.
- [8] WIKISOURCE - <http://pt.wikisource.org/wiki/O_Corvo_-_Tradu%C3%A7%C3%A3o_de_Machado_de_Assis>

Filmografia:

- [9] Treehouse of Horror I (“No Dia das Bruxas”) - 1990, dirigido por David Silverman – escrito por Sam Simon, John Swartzwelder, Jay Kogen, Wallace Wolodarsky e Edgar Allan Poe.

Autores

¹ Silvia Maria Guerra Anastácio, Pós-doutora.
Professora Titular do departamento de Línguas Germânicas
Universidade Federal da Bahia
smganastacio10@hotmail.com

² Olivia Ribas de Farias, Mestranda.
Aluna do Mestrado Acadêmico em Letras do PPGLL – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia (UFBA).
oliribas@gmail.com

Todas as traduções que seguem são de Machado de Assis.

³ Em certo dia, à hora, à hora, da meia-noite que apavora.

⁴ Eu caindo de sono e exausto de fadiga.

⁵ Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora, e que ninguém chamará mais.

⁶ Ao pé de muita lauda antiga, de uma velha doutrina agora morta, ia pensando, quando ouvi à porta, do meu quarto um soar devagarinho. E disse estas tais palavras: “É alguém que me bate à porta de mansinho; há de ser isso e nada mais.”

⁷ Minh'alma então sentiu-se forte; não mais vacilo.

⁸ Batestes, não fui logo, prestemente, certificar-me que aí estais, disse; a porta escancarou, acho a noite somente.

⁹ Somente a noite, e nada mais.

¹⁰ Abro a janela, e de repente, vejo tumultuosamente, um nobre corvo entrar, digno de antigos dias, não despendeu em cortesias, um minuto, um instante. Tinha o aspecto de um lord ou de uma lady. E pronto e reto, movendo no ar as suas negras alas, acima voa dos portais, trepa, no alto da porta em um busto de Palas: Trepado fica, e nada mais.

¹¹ E eu disse: “Ó tu que das noturnas plagas. Vens embora a cabeça nua tragas, sem topete, não és ave medrosa, dize os teus nomes senhoriais; como te chamas tu na grande noite umbrosa?” E o corvo disse...

¹² “Tira-me ao peito essas fatais, garras que abrindo vão a minha dor já crua.”

¹³ E o corvo aí fica; ei-lo trepado no branco mármore lavrado da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho. Parece, ao ver-lhe o duro cenho, um demônio sonhando. A luz caída do lampião sobre a ave aborrecida, no chão espraia a triste sombra; e fora daquelas linhas funerais, que flutuam no chão, a minha alma que chora não sai mais, nunca, nunca mais!